



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

**Percepções e experiências sociais do *lobolo* na actualidade: um estudo de Chongoene/Nhacutse, na
província de Gaza.**

Autora: Saugina Ângelo Macuácuá Bié

Supervisora: Dr.^a Sónia Seuane

Trabalho de Culminação do Curso

Maputo, 2023

**Percepções e experiências sociais do *lobolo* na actualidade: um estudo de Chongoene/Nhacutse, na
provincia de Gaza.**

Autora

(Saugina Ângelo Macuácuá Bié)

Trabalho de Culminação de Estudos elaborado para obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na
Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

(Supervisor)

(Presidente)

(Oponente)

Maputo, 2023

Declaração

Declaro que este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação pessoal, estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer grau académico.

Assinatura

(Saugina Ângelo Macuácuá Bié)

Dedicatória

Dedico a este trabalho ao meu esposo, Ernesto Arone Bié pela dedicação, confiança compreensão que depositou em mim, durante todo o percurso de realização deste trabalho

Aos meus filhos que se mantiveram firmes aquando a minha ausência constante na dedicação dos meus estudos e trabalho.

Agradecimentos

Agradeço a todos que directa ou indirectamente ajudaram a tornar possível a realização deste trabalho. Em especial a minha supervisora Dr.^a Sónia Seuane que não mediu esforços para tornar este trabalho numa realidade e pela disponibilidade, compreensão, as intervenções imediatas e paciência depositada durante a produção deste trabalho, meu muito obrigada.

Em geral, endereço os meus agradecimentos aos professores do Departamento de Arqueologia e Antropologia pela paciência durante o processo académico e por servirem de inspiração.

A todos os meus informantes, da localidade de Nhacutse distrito de Chongoene pela disponibilidade e por ter-me prestado auxílio como informantes durante estes três meses e que tornaram possível este trabalho. Muitíssimo obrigada!

Aos meus colegas do curso de Antropologia (2018), em especial: Aurélio Oliveira, Moisés André, Yuri Chissano, Esaú Ndimba e Adelaide Valdete que sempre estiveram presentes na minha vida estudantil. Igualmente aos meus colegas do serviço, aos meus amigos todos, meu muito obrigada.

Ao meu estimado esposo que tem sido a inspiração, especialmente para o meu empenho académico, por ter acreditado e por nunca ter medido esforços para que nunca me faltasse nada relacionado a minha vida académica. Aos meus filhos: Eduardo Bié, Lucinda Bié, Thompson Bié, Tcherneko Bié que sempre constituíram a minha razão em querer ser alguém cada vez melhor.

MUITÍSSIMO OBRIGADA!

Siglas

MICOA	Ministério para a Coordenação da Acção Ambiental
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
OMM	Organização da Mulher Moçambicana)

Glossário

<i>Xibongo</i>	<i>termo usado para se referir apelido</i>
<i>A kuna n'kinga</i>	<i>termo usado para caracterizar a ausência de um problema</i>
<i>Kulhoma</i>	<i>preparação para a chegada da noiva</i>
<i>kupalha</i>	<i>ritual de invocação aos espíritos dos antepassados</i>
<i>ghandzelo,</i>	<i>uma árvore especialmente escolhida como altar da casa</i>
<i>dzungulisa a dzanva</i>	<i>uma forma de cumprimentar tradicionalmente</i>
<i>kuessemusse</i>	<i>Termo usado para designar uma comemoração ou festa</i>

Resumo

Esta monografia consistiu na tentativa de olhar para o *lobolo* enquanto um factor de transformação e mudança nas vivências sociais. Esta pesquisa teve um especial enfoque em analisar percepções e significados atribuídos à prática do *lobolo* no contexto actual no distrito de Chongoene/Nhacutse na província de Gaza.

Para alcançar os objectivos e responder a pergunta de partida, recorreremos à revisão de literatura e a recolha de dados, com recurso às técnicas de observação participante intensiva, estudo de caso, entrevistas semi-estruturadas, conversas formais e informais. Relativamente a base teórica e analítica deste trabalho, resultou da soma de vários textos e estudos de Antropologia, Sociologia e História que versam sobre o *lobolo* nas sociedades tsongas, com maior destaque para Granjo (2005), Junod (1996), Bagnol (2008) e Radcliffe-Brown (Sd). A soma desta multidisciplinaridade supracitada estudos deve-se a necessidade dinâmica da temática.

Através da literatura consultada e a realidade constatada no campo, percebemos que a prática de *lobolo* na actualidade desencadeou um processo de transformação nas percepções que se constroem em torno deste ritual, diversos factores históricos, económicos, políticos e ideológicos condicionaram a negociabilidade que acompanha esta prática, facto que a perspectiva de fenómeno social total de Marcel Mauss foi fundamental para compreender as transformações atinentes a esta prática e desenhar o panorama actual do *lobolo* na sociedade changana, concretamente distrito de Chongoene/Nhacutse na província de Gaza.

Palavras-chave: *Lobolo; transformação; compensação matrimonial; percepções.*

Índice

Declaração.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Siglas.....	iv
Glossário	v
Resumo	vi
I. Introdução	1
1.1. Problema	2
1.2. Objectivos do estudo.....	4
1.2.1 Objectivo Geral	4
1.2.2 Objectivos específicos	5
1.3 Justificativa	5
1.4. Estrutura do Trabalho	6
II. Revisão de Literatura	6
2.1. Compensação matrimonial.....	10
2.2. Linhagens Patrilineares e Matrilineares	11
2.3. Família	12
2.4. Instituição Social.....	13
III. O Contexto Histórico do <i>lobolo</i> em Moçambique	14
IV. Metodologia.....	17
4.1. A pesquisa do campo	17
4.2. Técnicas usadas na pesquisa de campo.....	18
4.3 Observação participante.....	18
4.4 Constrangimentos na pesquisa de campo	20

V. Localização geográfica	21
5.1. O papel e a importância do <i>lobolo</i> nas construções sociais	21
5.2. A cerimónia e festa de <i>lobolo</i>	23
5.3. Perceções sobre as transformações atinentes à prática do <i>Lobolo</i>	28
VI. Conclusão	32
Referências bibliográficas.....	34

I. Introdução

O presente trabalho consiste num relatório de pesquisa científica que foi efectuada no âmbito do curso de Licenciatura em Antropologia para obtenção do grau de licenciatura, na Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais. Tem como tema *Percepções e experiências sociais do lobolo na actualidade: um estudo de Chongoene/Nhacutse, na província de Gaza*. Portanto, teve como foco principal analisar o processo de transformação e mudança social do lobolo no contexto actual.

O *lobolo* passou por vários momentos históricos e levamos como pressupostos as mudanças trazidas por esses vários momentos históricos como factores de mudança locais, ao olharmos o *lobolo* como foco de representações de mudanças locais entendemos que ele institui o sistema de parentesco e nos apresenta desta forma, um conjunto complexo de normas, de práticas e de padrões de comportamento entre os parentes. A pesquisa empírica mostrou-nos que as representações de mudanças observadas pelos diversos actores sociais locais, estão diretamente ligadas as alterações que se têm vindo a operar no *ethos* da sociedade tsonga em Chongoene/Nhacutse.

No processo de apresentar as representações locais de mudança social, fizemos uma interpretação na linha socio-antropológica partindo dos factos que servem para legitimar, definir posições e a acções dos actores sociais, onde o passado e o presente nos servem como pontos de apoio e referência neste exercício descritivo, comparativo e dinâmico.

Através da literatura consultada e a realidade constatada no campo, percebemos que a prática de lobolo na actualidade desencadeou um processo de transformação nas percepções que se constroem em torno deste ritual.

Neste caso, apesar de inúmeros factores discutidos ao longo do texto, que concorrem para o seu abandono, esta prática devido a sua relevância simbólica para as famílias continua viva e forte, pois constitui uma imposição familiar, existe esta imposição da família sobre o indivíduo, pelo facto do *lobolo* ter esta componente tradicional que vai passando de geração em geração em forma de legado cultural, onde o seu abandono pressupõe uma ruptura com o passado, um desprezo da nossa história, perda de identidade cultural e a sociedade não quer se sentir a trair a sua história e os seus antepassados. Portanto, o *lobolo* é importante dentro do seu contexto de produção.

Numa visão permeada por óculos antropológicos mostramos também, como é que se fazia esta cerimônia, que actores e que implicações sociais tinha no dia-a-dia das populações Tsongas

(Changanas), o que significava o *lobolo* no passado, que ameaças o *lobolo* sofreu ao longo dos anos, e do Porque mesmo com todas as ameaças sofridas as pessoas ainda procuram realizar o *lobolo*.

Com base na diversa bibliografia consultada, mostramos como é que os ventos e eventos da história tais como a ocupação europeia (colonialismo), as missões religiosas e o trabalho migratório influenciaram esta transformação crucial no sistema de casamento e parentesco dos tsongas.

Para a realização do trabalho recorreremos à revisão da literatura e a recolha de dados em Chongoene/Nhacutse, com recurso às técnicas de observação participante intensiva, estudo de caso, entrevistas semi-estruturadas, conversas formais e informais, o uso de fotografias e voz.

Portanto, relativamente a base teórica e analítica deste trabalho, resultou da soma de vários textos e estudos de Antropologia, Sociologia e História que versam sobre o *lobolo* nas sociedades tsongas, com maior destaque para Granjo (2005), Junod (1996), Bagnol (2008) e Radcliffe-Brown (Sd). A soma desta multidisciplinaridade supracitada estudos deve-se a necessidade dinâmica da temática.

1.1. Problema

O *lobolo* tanto no passado assim como actualmente constitui um costume matrimonial em que o grupo do noivo levava uma compensação a outro grupo, o da noiva, para restabelecer o equilíbrio entre as famílias que compõem o clã. O noivo e o seu grupo adquiriam um novo membro (mulher) e, neste sentido o outro grupo pedia uma compensação para se reconstituir pela perda de um membro no agregado familiar. Segundo Junod (1996), somente esta concepção coletiva explica este fato. Deste modo à mulher lobolada, ainda que conservasse o seu *xivongo*, (apelido) nome do seu clã paterno, tornava-se propriedade da família do marido, ou seja, propriedade coletiva de um grupo (Mussane 2009: 56).

As formas de prestação do *lobolo* foram variando ao longo do tempo. Com base nos relatos do Junod (1996), vimos que elas começaram com a entrega de 40 ou 50 enxadas por parte da família do noivo à família da noiva. Passou-se para o período em que as prestações eram feitas através de Libras Esterlinas, que inicia com a industrialização em Kimberley e Johannesburg, que se manteve com o “pagamento” por cabeças de gado. Olhando para as perspectivas acima, vimos que hoje as

prestações incluem roupas, alianças, bengalas, dinheiro e outros objectos. Esta é a parte física deste ritual.

Estudos como de Mussane (2009) sobre “*A kuna n’kinga: o lobolo como foco das representações locais de mudança social*” mostra que, com o tempo, houve mudanças que constituíram em ameaças nas formas de compensação no *lobolo*. Estas mudanças estão relacionadas com o aumento e as formas dos valores materiais que ao longo do tempo foram sendo introduzidas na prática deste fenómeno social.

Tirando a ameaça relativa barreira legislativa imposta pela FRELIMO no projeto de Lei da Família, feito em Moçambique em 1978, é recorrente estar em discussão o papel da mulher na sociedade. Dessa forma, o projeto prevê que o casamento não pode ser um negócio e nem um sistema de trocas materiais, deixando claro então que o Estado irá combater essas práticas, Mate (2014) afirma que também houve ameaças religiosas, e enfatiza dizendo que, ignorando os valores sócio-culturais da sociedade moçambicana, solidificados ao longo de gerações, durante alguns cultos e reuniões de grupos, bispos, pastores, obreiros e líderes dos grupos têm estado a apelar para que os crentes não pautem pela via do *lobolo* nos seus relacionamentos conjugais, alegando dentre outros aspectos, que a Bíblia Sagrada não aborda esta questão e, portanto, o *lobolo* não é obra de Deus, somente o casamento “oficial”, fazendo menção ao casamento civil e religioso, é que são obra do Criador. No entanto, estas mudanças, não parecem ter alterado o estatuto do *lobolo*, ou seja, não parecem ter tido um efeito no valor e no estatuto do *lobolo*. Todavia, o nosso maior interesse é procurar explicar a esférica simbólica do *lobolo*.

Eventos históricos vislumbram o quão a ocupação europeia (colonialismo) e a religião estavam de mãos dadas na erradicação da prática do *lobolo*, essa luta foi crucial para as transformações ocorridas no *lobolo*, isso tomando em consideração que o objectivo primário do colonialismo era civilizar e as congregações religiosas eram as principais ferramentas de execução deste projecto, facto que sucederam diversas tentativas que visavam desenraizar a tradição moçambicana e o *lobolo* fazia parte do pacote por conta da sua natureza simbólica.

O *lobolo* não é uma prática rural, nem é praticada em função do *status* social ou que não seja praticada pelos crentes religiosos, Bagnol (2008) discute a prática contemporânea do *lobolo* no contexto urbano do sul de Moçambique como forma de fazer face a estudos anteriores que

associam o *lobolo* a população camponesa rural e analfabeta. Apesar das transformações e ameaças que o *lobolo* vem sofrendo ao longo dos tempos, ele ainda desempenha, dentro das cidades e no meio rural, um papel social de regulador e garante da estabilidade conjugal, familiar e social dos indivíduos em sociedade, assim defende Bagnol (2008) e tantos outros autores, dentro das suas perspectivas de abordagem.

Para as transformações da prática actual do *lobolo*, Granjo (2005:45) aponta o uso de “notas grandes”, no pagamento do *lobolo*, como “uma inovação que acaba, de facto, por enfraquecer um pouco a habitual retórica cênica da cerimônia, que tende a enfatizar a dificuldade em reunir a soma exigida, soma que dessa maneira é valorizada, valorizando com isso a noiva. É importante realçar que esta valorização se refere, sobretudo, a dimensão simbólica onde o prestígio e a honra da mulher (e das famílias envolvidas) é, permanentemente, negociada.

Apesar da IV congresso da OMM ter sido um marco importante para a reintegração do *lobolo* e a sua grande importância que tem na região sul de Moçambique conforme declara Santana (2009), no dia-a-dia ouve-se explicações divergentes no tocante a percepções e representações sociais do *lobolo*, onde é considerado de grande importância. Em alguns casos ainda é conotado como “venda da mulher”. Tal como se referiu Da Costa (2005: 207:208) “o *lobolo* é visto como um acto condenável através do qual as mulheres são compradas e vendidas, simultaneamente como algo positivo que sanciona e dá estabilidade as uniões”.

É importante realçar que a razão desencadeou essa pesquisa foi a necessidade de reflectir sobre uma forma de compensação matrimonial encontrada em Moçambique, tendo em conta os diversos momentos pelos quais este passou, e às diversas explicações e significados a ele atribuídos. Neste estudo, procuramos compreender de que forma as percepções e representações sociais podem explicar a perpetuação do *lobolo* no contexto de mudanças e transformações sociais actuais?

1.2. Objectivos do estudo

1.2.1 Objectivo Geral

- Analisar as percepções e significados atribuídos à prática do *lobolo* no contexto actual no distrito de Chongoene/Nhacutse na província de Gaza.

1.2.2 Objectivos específicos

- Identificar o significado do *lobolo* entre os seus praticantes.
- Descrever as transformações que ocorreram na prática do *lobolo* ao longo do tempo.
- Comparar os critérios e condições actuais de fazer *lobolo* com às da época pré-colonial e pós-colonial em Moçambique.

1.3 Justificativa

A escolha do tema, deveu-se fundamentalmente a duas razões. A primeira decorreu da experiência própria resultante do meu *lobolo*, que na altura em que decorreu a cerimónia apenas tinha o interesse de *lobolar* e não necessariamente de compreender os preceitos por detrás do significado dessa prática, facto que agora me faz recapitular o decorrer do processo em minha memória por fim a produzir um estudo antropológico.

A segunda razão é compreender o dinamismo por detrás da prática do *lobolo* na atualidade, visto que para compreender o processo de percepção dos indivíduos em relação ao *lobolo* permitirá construir um panorama mais científico sobre as transformações que esta prática sofreu durante os diferentes períodos.

Numa perspectiva antropológica, o estudo torna-se um desafio e um contributo importante na compreensão das dinâmicas actuais do *lobolo*, e de uma forma científica, o trabalho irá contribuir para maior conhecimento sobre este fenómeno e dessa forma compreender como os indivíduos do distrito de Chongoene/Nhacutse experienciam a nova dinâmica do processo do *lobolo*, já que a prática é um processo representativo para sociedade Changana, Segundo Moscovi (1978) as representações constituem uma série de opiniões, explicações e afirmações que são produzidas a partir do quotidiano dos grupos. Elas são consideradas como teorias de senso comum, criadas pelos grupos como forma de explicação da realidade, sendo que as pessoas no seu dia-a-dia vão trocando impressão em torno da realidade que os rodeia.

Acreditamos que, este trabalho possa contribuir com subsídios teóricos para explicar o lugar do *lobolo* na organização social e a sua importância no contexto de Chongoene. Tendo em conta que o mesmo aborda um tema recorrente, uma prática que é secular, mas que é ainda actual nos nossos

dias. Embora seja um assunto relativamente debatido acreditamos que nos actualiza no debate sobre a prática do *lobolo* e traz-nos elementos da realidade empírica o que nos permitem identificar e visualizar aspectos da mudança e de continuidade.

1.4. Estrutura do Trabalho

O trabalho é constituído por cinco capítulos, sendo o presente capítulo introdutório o primeiro onde fazemos uma breve apresentação do tema e abordando sobre a problemática, os objectivos do estudo, justificativa, revisão de literatura.

No segundo capítulo abordamos sobre o contexto histórico do *lobolo* em Moçambique, destacando aquilo que era a concepção do *lobolo* no passado, as transformações ocorridas ao longo dos tempos e como é que o *lobolo* é entendido nos dias que correm.

No terceiro capítulo descrevemos a metodologia, onde damos a conhecer o contexto em que a pesquisa foi realizada, as técnicas e instrumentos de recolha de informação usados na pesquisa de campo e o tipo de informação que as mesmas possibilitaram obter. Apresentamos também os desafios encontrados no curso da pesquisa e a forma pelas quais foram superados.

No quarto capítulo discutimos o papel e a importância do *lobolo* nas construções sociais enquanto um factor de estratificação e estabelecimento de categorização e estatuto social. Neste capítulo iremos destacar as crenças sociais sobre o *lobolo* bem como o valor que os actores sociais atribuem a esta prática, analisamos as incidências da prática do *lobolo* no contexto actual no distrito de Chongoene/Nhacutse na província de Gaza, e a sua interface. Neste contexto analisamos as diferentes facetas do *lobolo* actual e as principais transformações ocorridas até ao momento do estudo e no último capítulo, trazemos as ilações da pesquisa.

II. Revisão de Literatura

A luz da revisão da literatura, podemos dizer que o *lobolo* é objecto tradicional da Antropologia e está ligado aos estudos do parentesco e de acordo com Revierè (1975) o parentesco se define como um conjunto de laços que unem geneticamente (filiação, descendência) ou voluntariamente (aliança, pacto de sangue), um determinado número de indivíduo. Salienta que muitos destes estudos tiveram lugar entre os anos 1920 e 1970, e centrando-se sobre a terminologia do parentesco, aliança matrimonial, casamentos e filiação.

Por sua vez, Lévi-Strauss (1982) no seu estudo “As Estruturas Elementares do Parentesco” assume que os sistemas de parentesco e as regras de casamento e de filiação formam um conjunto coordenado cuja função é assegurar a permanência do grupo social, entrecruzando, à maneira de um tecido, as relações consanguíneas e as fundadas na aliança.

O parentesco oferece um meio de ordenar os indivíduos segundo certas regras; a organização social fornece outro, as estratificações sociais ou econômicas, um terceiro. Todas estas estruturas de ordem podem ser, elas mesmas, ordenadas, com a condição de revelar que relações as unem, e de que maneira elas reagem umas sobre as outras do ponto de vista sincrónico” (Lévi-Strauss 1982:356)

Desta forma, para Bagnol (2008), o *lobolo* e as instituições afins de compensação matrimonial são hoje um tema quase tradicional em antropologia, tendo merecido diferentes interpretações por parte dos antropólogos clássicos. Em Moçambique existe uma literatura significativa sobre o *lobolo*. Contudo estes estudos, não abordam as percepções e representações sociais que se tem em relação ao *lobolo*.

De acordo com Fernando (1996: 24) na prática do *lobolo* em diferentes períodos foram valorizados vários objectos: no período pré-colonial “... A compensação baseou-se na oferta de sementes que simbolizava a fertilidade”; “em esteiras e objectos de vimes, em tempos remotos em que o branco não tinha ainda aparecido” Junod (1996: 254); “depois enxada, gado, libras de ouro e actualmente concentra-se mais em bens e dinheiro ao vivo” (Fernando, 1996: 25).

Por outro lado, Bagnol (2008) e Fernando (1996) tomam em consideração o papel da instituição, mostrando que em Moçambique, o *lobolo* constitui uma prática importante, principalmente para a zona sul do país. Isto deve-se ao facto do *lobolo* permitir estabelecer uma comunicação entre os vivos e os seus antepassados e o restabelecimento da harmonia social. O *lobolo* inscreve o indivíduo numa rede de relações de parentesco e de aliança tanto com os vivos assim como nos mortos, para além de que dá segurança a criança e a protecção da mulher no lar.

Enquanto para Granjo (2005) na actualidade existem diferentes formas de reapropriação da prática do *lobolo*, visto que esta instituição adquiriu uma variedade de novos significados, mas manteve

sua relação com a ancestralidade, aspecto fundamental para o entendimento da sua sobrevivência até os dias actuais.

As diferentes abordagens identificadas na literatura sobre o *lobolo* podem ser agrupadas, de acordo com as suas tendências: a primeira que pode ser considerada é instrumentalista, empregue por Cipire (1996) no estudo do casamento patrilinear na zona sul de Moçambique, onde constatou que na origem do *lobolo* está o valor que em África é dado à mulher.

Em segundo lugar, temos a visão historicista empregue por Santana (2009) que dá conta das transformações ocorridos nos significados e nas representações sociais e às críticas do *lobolo* em Moçambique. Para esta autora:

“Para alguns o *lobolo* era visto como uma forma de legitimar o casamento e uma prática inofensiva; para outros significava uma compra da mulher com fins de procriação e trabalho gratuito, devendo ser extinto mediante um processo de educação. O *lobolo* era importante para a administração colonial porque a sua realização implicava a posse de várias cabeças de gado por esposa. E, na caderneta de cada trabalhador, era obrigatório constar o número de esposas que possuía” (ibid: 2009: 87).

Por último, podemos considerar a existência de uma abordagem economicista empregue por Torre do Vale (2002) e Junod (1996) que olha para o *lobolo* como uma transação comercial, na qual a mulher é comparada como objectos de venda. Para estes autores a mulher pode ser comprada pelos bois, enxadas ou outros objectos simbólicos.

Torre do Vale (2002: 4) considera ainda que “o *lobolo*, representa a transmissão do trabalho da mulher, da casa do pai para a casa do marido. Na cultura africana, isso é uma prova de que o noivo tem alto apreço pela noiva. Quanto mais preparada, prendada, estudada, maior é o valor”. Para este autor, o *lobolo* tem como objectivo negar à mulher o controle sobre os direitos de propriedade.

Palha (2006) também vê o *lobolo* como sendo uma prática que tem um significado negativo nas relações sociais entre homens e mulheres, o seu significado contribui positivamente na estruturação de poderes que sustentam a contínua subalternidade feminina.

Posição contrária, a esta encontra-se no documento redigido pela Liga dos Direitos Humanos, onde trata “dos direitos de mulher em Moçambique”. Aqui refere-se a nova lei da família que estabelece

uma total igualdade de género perante a lei, casamento, divórcios, guarda das crianças, bem como a divisão de bens no casamento.

De um modo geral, as visões economicistas e instrumentalista, dão-nos explicações parciais no que se refere ao significado do *lobolo*, uma vez que em conjunto podem explicar a razão do *lobolo*, embora cada uma possa ser significativa dependendo do contexto. Contudo, a abordagem funcionalista tende a considerar o aspecto ligado a ancestralidade como sendo um factor importante para a sua sobrevivência do *lobolo*.

A literatura mostra que o *lobolo* é realizado mais para os antepassados. Neste trabalho, dá-se ênfase as pessoas que presenciam o *lobolo*. Uma vez que elas consideram-se protagonistas da realização do *lobolo*, e se beneficiam dos bens matérias. Face às situações acima descritas, no que tange às percepções e experiências e representações do *lobolo*, percebe-se que as abordagens identificadas divergem quanto aos significados do *lobolo*, o que dificulta a compreensão sobre a perpetuação desta prática. O que resulta na minha inquietação para tentar compreender o que contribui para a sua contínua prática pela sociedade.

Procurando compreender as lógicas do sistema de parentesco Changana, Feliciano (1989) desaguou na questão do *lobolo*, onde aborda esta prática sob uma perspectiva economicista.

Para o autor o *lobolo* enquadra-se dentro de um sistema de créditos matrimonial, ou seja, o valor recebido pela saída da mulher, da casa dos seus pais, por via do *lobolo*, é aplicado na aquisição de uma mulher de outra família, igualmente por meio do *lobolo*, fechando desse modo a lacuna anteriormente deixada. Trata-se aqui de uma troca indirecta de mulheres e de serviços. Feliciano (1989) entende que o *lobolo* também simboliza a fecundidade da mulher que é medida não apenas pelo número de filhos que esta virá a ter mas acima de tudo pela saúde destes e pelo desempenho nas tarefas de casa e na produção agrícola. Refere ainda que a não fecundidade da mulher pode lhe incorrer a acusação de feitiçaria, pondo em causa essa união o que pode, igualmente, ditar a devolução desta mulher e dos bens ofertados, e a realização de um outro *lobolo*. Para este investigador o *lobolo* não associa apenas dois aliados, mas todo um sistema, o que revela que as alianças não são apenas uma questão matrimonial, mas também são uma questão de reprodução social. O *lobolo* funciona como uma instituição reguladora de conflitos entre grupos aliados, por este facto é acompanhada de discussões, injurias e combate.

2.1. Compensação matrimonial

Junod (1996) defende uma perspectiva colectivista de compensação matrimonial e de equilíbrio, ao observar que a compensação matrimonial possibilita a união entre o grupo familiar da noiva e o do noivo ao mesmo tempo que permite que a família do noivo adquira mais um membro-mulher *lobolada*, mas, igualmente, a família da noiva recebe uma compensação de modo a se restabelecer, pela aquisição de um outro membro numa outra família, dando a entender que nenhum dos grupos familiares tanto do noivo como da noiva perde membros no processo de *lobolo*.

Por outro lado, Radcliffe-Brown (1974) sustenta, tal como Junod (*idem*), que a prestação entregue pelo grupo familiar do noivo ao grupo familiar da noiva como compensação matrimonial envolve bens financeiros, materiais e outros, mas provoca desequilíbrio no grupo familiar da noiva devido à saída da noiva para a família do noivo pois, segundo o autor, o *lobolo* resulta na passagem da mulher à família do esposo, desligando-se parcialmente da sua família (cf. Radcliffe-Brown 1974).

Apesar das distinções que nos referimos anteriormente entre Junod (1996) e Radcliffe-Brown (1974), os dois autores são consensuais ao sustentarem que a compensação matrimonial refere-se aos valores monetários e outros bens materiais entregues pelo grupo familiar do noivo ao grupo familiar da noiva, como instrumentos usados na oficialização da união conjugal tanto, entre os parceiros, bem como entre os grupos familiares dos cônjuges no *lobolo*.

Na perspectiva de Jeffrey (1951), a compensação prestada no *lobolo* serve de instrumento usado para a legitimação da manutenção e controle da descendência patrilinear, não estabelecendo necessariamente, a união entre um homem e uma mulher. O autor acrescenta, afirmando que *lobolo* é o substantivo que designa a transferência de gado entre os negros sul-africanos, transferência essa que dá poderes paternais e posse das crianças, pelo pagamento da compensação matrimonial.

Entretanto, no nosso estudo de campo, constatamos algumas divergências atinente a forma como a compensação matrimonial é concebida, havendo quatro (04) grupos com posições antagônicas. O primeiro defende a ideia segundo a qual, o dinheiro e bens materiais entregues no *lobolo* representam o sacrifício demonstrado pelo noivo na obtenção de um bem valioso (noiva). O segundo, apoia-se na ideia da legitimação da manutenção da descendência patrilinear. O terceiro, defende ser o meio usado na aquisição do poder pelo noivo, sobre a noiva e, passando este, a

ostentar estatuto de liderança na sua família. O último, apega-se à ideia de instrumentos usados na compra da mulher.

2.2. Linhagens Patrilineares e Matrilineares

Segundo Pires (2000) no *sistema patrilinear*, os homens herdaram do pai os bens e os títulos honoríficos. Só se reconhecem como parentes os que o são pela linha paterna, não podendo os eventuais contactos com a família materna atingir de qualquer forma a sua pertença ao grupo do respectivo pai.

Em semelhante tipo de organização, a família nuclear dilui-se no seio de estruturas mais vastas. Os indivíduos definem a sua descendência a partir de um ascendente comum, afastado cinco ou seis gerações, e formam uma *linhagem* (estirpe) cujos membros partilham o nome e certos direitos (v.g. sobre o gado e sobre terrenos indivisos). Quer a propriedade seja já da própria estirpe, quer tenha sido adquirida originariamente por um dos seus membros, não pode dispor-se dela sem o consentimento de todos os outros membros (ibid: 626).

A consciência colectiva deste grupo tem a sua sustentação em cerimónias e ritos que unem tão estreitamente os respectivos membros que a entreajuda chega a manifestar-se em partilha de responsabilidades no caso de crime (ibid).

Mas podemos encontrar, definido do lado materno segundo Pires (2000) um outro *sistema* de linhagem, a que se tem chamado *matrilinear*: cada indivíduo pertence à família da mãe, o que significa, em concreto, que o homem não pode transmitir os seus bens e os seus títulos honoríficos aos seus filhos varões, mas sim aos varões mais próximos da linha materna, designadamente um tio ou um primo. Os seus próprios filhos, que não pertencem à estirpe, não poderão suceder-lhe mas receberão, em contrapartida, a herança dos seus tios maternos. o *sistema matrilinear* não se identifica com o de *matriarcado*, já que não confere às mulheres o poder de direcção e superintendência dos negócios, nem qualquer autoridade política. Apenas diz respeito às regras de transmissão dos bens.

Este sistema linhageiro mostra-nos que a prática do *lobolo* é fortemente influenciada pela constituição familiar e as heranças linhageira, tomando em consideração que a forma de

transmissão de herança irá ditar o como o *lobolo* irá ser praticada e principalmente os constituintes da família que estarão em frente da cerimónia.

2.3. Família

Segundo Pires (2000) A palavra família conduz-nos primariamente à ideia de grupo constituído pelo pai, pela mãe e pelos seus filhos: unidade social a que se tem visto chamar família conjugal, família elementar ou família nuclear e que sempre foi uma realidade na quase generalidade das civilizações do mundo, malgrado, em algumas delas, ao papel do pai ou do marido menos notório que o da mãe, no plano biológico, relativamente aos filhos não ser atribuída praticamente qualquer importância.

Na perspectiva de Gomes (1995:121) a família é a menor unidade social ligada por laços de consanguinidade, afinidade e adopção. Na família pode-se discernir várias instituições familiares que são, universalmente, conhecidas embora em cada sociedade elas assumam formas diferentes.

A tendência da família humana sempre foi de romper os limites biológicos criadas, por exemplo, pelo relacionamento sexual e pela reprodução social como a adopção do parentesco fictício. Em diversas sociedades é comum estabelecer-se o parentesco através da linha materna (Gomes 1995:35). Pode então ocorrer que o tio materno e não o pai biológico, seja o verdadeiro chefe de família.

Por extensão, nenhuma diferença significativa se estabelece entre filho de um irmão da mãe e o filho de um irmão do pai. Segundo Radcliffe-Brown (1982) em Montenegro pelo contrário, para tomar uma outra língua europeia, deparamos com um sistema diferente. O irmão do pai é chamado *stric* e a sua mulher é *strina*, enquanto o irmão da mãe é *ujak* e a sua mulher *ujna*, e as relações sociais de um homem em face das suas espécies de tios denotam diferenças vincadas.

De acordo com Radcliffe-Brown (1982:316) entre os Ashanti a família elementar é o núcleo do lar, mas a maioria dos homens mais velhos têm mais que duas esposas. Nos casais poliginistas cada mulher tem direito de ocupar uma casa separada que é dada pelo marido, e detém propriedade individual sobre os alimentos e equipamentos domésticos.

Entretanto, com base na literatura e na realidade constatada no campo, nos definiríamos a família como uma construção, que é estabelecida nas vivências e relações sociais em comunidade, essas

relações podem ser caracterizadas como conflitiva ou harmónica, porém, exercem uma ordem de manutenção social, pois, na prática de *lobolo* concebe-se a ideia de família enquanto imbricada de múltiplos factores multifuncionais, por isso a cerimónia de *lobolo* serve como selo de união que firma uma nova constituição de família.

2.4. Instituição Social

As transformações na prática de *lobolo* estão fortemente ligadas a um sentimento de alteração nas instituições sociais. Uma instituição social é a norma de comportamento estabelecido que é reconhecido por um certo grupo ou classe social ao qual pertence (Radcliffe-Brown, 1974: 22).

De acordo com autor, a instituição que se chama *lobolo* junta em si a legitimação conjugal, o controlo e regulação da descendência, a dignificação das partes envolvidas e a domesticação do aleatório através da acção dos antepassados (Granjo 2005). Tem o espaço e a capacidade de se assumir, através das representações que lhe estão associadas, como instrumento para a superação de problemas inovadores. Para Granjo (idem), no contexto estudado, não existe nenhuma outra melhor forma de casamento melhor que o *lobolo*.

III. O Contexto Histórico do *lobolo* em Moçambique

Segundo autores como Junod (1996) e Fernando (1996) a prática do *lobolo* remota dos tempos antes do colonialismo chegar em África. De forma particular, o estudo feito por Bagnol (2008) indica que em Moçambique a prática do *lobolo* estava geralmente relacionada com a população camponesa rural e analfabeta e era comumente apresentada como transação monetária entre as parentelas envolvidas, o que se considerava como “venda da mulher”.

Bagnol (2008) após ter acompanhado vários rituais relacionados com o *lobolo*, na Cidade de Maputo, chegou a conclusão de que o *lobolo* é essencialmente um acto que estabelece uma relação entre o casal, as famílias e os antepassados. Esta investigadora repisa a figura dos antepassados e destaca o seu papel na legitimidade e estabilidade das relações conjugais e no garante da harmonia social. Com base na literatura antropológica analisada como de Granjo (2005) e Bagnol (2008) nos dá e a entender que o *lobolo* para além de ser um valor de compensação, ceta a união conjugal entre um homem e uma mulher, as duas famílias e os antepassados.

Na perspectiva de Mussane (2009) afirma que observando os seus momentos iniciais, antes da extensão da modernidade através da colonização europeia, no estádio coletivo da sociedade Moçambicana, este costume fortificava a família patriarcal, o direito do pai; dificultava a dissolução do casamento porque a mulher não podia abandonar definitivamente o marido sem que o seu grupo restituísse o valor do *lobolo*. A cerimônia da união matrimonial tinha duas partes: a festa do *lobolo*, ou seja, a parte relacionada com o pagamento da compensação matrimonial, que se fazia na aldeia da noiva; e o *kulhoma*, chegada da noiva a aldeia do noivo.

Com a chegada da FRELIMO o *lobolo* passou a ser visto como uma prática proibida, neste contexto Mussane (2009) afirma que com a tomada do poder pela FRELIMO em 1975, houve uma intenção de ruptura com o *lobolo* e outras práticas sócio-culturais veiculadas em decretos de lei. Welch (1982) por sua vez, afirma que essa intenção resultou em fracasso porque muitas as famílias continuaram a praticar o *lobolo* e a valorizá-lo, em detrimento do casamento civil e isso assiste-se ainda nos dias de hoje, devido a carga simbólico/cultural que o *lobolo* representa no seu contexto de produção.

Porém, Bagnol (2008), Torre do Vale (2002) e Santana (2009), observam que depois da Independência Nacional (em 1975), o *lobolo* foi alvo de crítica por parte do governo da FRELIMO, que definiu estratégias que visava erradicar o que considerava valores atrasados da sociedade tradicional, incluindo o *lobolo*.

Na perspectiva de Taibo (2012), o ritual do *lobolo* conduz-nos ao convívio com um panorama político de intransigência e perniciosidade face às instituições tradicionais, na medida em que após o colonialismo sofreu rotulações como prática de feitiçaria, imoralidade etc. tanto por congregações religiosas assim como na lei da família. São instituições que podem ser representadas e pensadas de múltiplas formas, mas aqui me refiro aos indivíduos e grupos socialmente reconhecidos pela promoção de valores, crenças e práticas ligadas à evocação dos espíritos dos antepassados.

Por outro lado, com interesses distintos ligados à construção da nação moçambicana eram entendidos não somente como uma herança do poder colonial, mas também como foco do retrocesso à necessidade de um progresso baseado na ideologia marxista adotada pela FRELIMO. No fundo esta postura política de hostilidade insere, igualmente, a complexa relação entre a modernidade e a tradição. Determinadas práticas são definidas como tradicionais e, nesse sentido, um sinónimo de “atraso” face às opções políticas assumidas como modernas (idem).

Para os autores acima referenciados, nesta época, o governo da FRELIMO apoiado numa ideia desenvolvimentista e no projecto de Lei da Família considerava que o *lobolo* tinha consequência directa no atraso, ignorância, submissão da mulher, cujas causas eram apontadas: o enriquecimento dos pais às custas do suor das filhas; privação da emancipação da mulher; dependência participativa da mulher em relação ao homem, colocando-a numa situação de “venda” e “compra” com fins de procriação e trabalho gratuito”. As mulheres eram vistas como objecto de transacção comercial, razão pela qual o *lobolo* tinha que ser extinto imediatamente (Bagnol, Brigitte 2008).

Como o desafio era de se eliminar a prática do *lobolo*, o combate contra os valores considerados atrasados passou a figurar uma missão prioritária para as elites políticas locais. Com a estratégia normativa estatuída pelo governo da FRELIMO no combate a prática do *lobolo*, alguns pais estavam contra o combate do *lobolo*, o que fazia com que se praticasse clandestinamente em reivindicação dos seus direitos costumeiros, porque segundo Welch (1982), *lobolo* é sobretudo um costume, e os costumes não podem ser abolidos por via de decretos de lei. De acordo com Santana

(2009) a IV Conferência da OMM (Organização da Mulher Moçambicana) realizada em 1984, foi um marco importante para a reintegração do *lobolo*, dado que foi admitido como uma das formas de casamento, uma vez constatado que a sua prática atingia a maioria das famílias e que era por meio dele que a nova união conjugal se legitimava perante o público.

IV. Metodologia

No presente capítulo damos a conhecer o contexto em que a pesquisa foi realizada, as técnicas e instrumentos de recolha de informação usados na pesquisa de campo e o tipo de informação as mesmas possibilitaram obter. Apresentamos, também os desafios encontrados no decurso da pesquisa e as formas pelas quais foram superados.

4.1. A pesquisa do campo

Nesta secção descreve-se a experiência da pesquisadora no campo, desde a entrada, a forma como dialogou com as pessoas e os locais da observação participante. Descreve-se igualmente as técnicas adoptadas para compreender de que forma os significados e as representações sociais podem caracterizar a perpetuação e a experiência da prática do lobolo no contexto actual no distrito de Chongoene/Nhacutse, na província de Gaza.

Esta pesquisa foi realizada em três fases: a primeira fase ocorreu entre os meses de Março e Maio do ano 2022 e consistiu em pesquisa exploratória, revisão de literatura e elaboração da proposta de pesquisa. A segunda fase da pesquisa decorreu entre mês de Dezembro e Fevereiro do ano 2023 e consistiu na realização da pesquisa de campo. A terceira e última realizou-se entre Fevereiro de 2023 a Março do presente ano, que consistiu na análise dos dados.

A comunicação com os informantes da pesquisa foi feita em língua portuguesa e combinada com a língua xi-changana. Para esta pesquisa privilegiou-se os seguintes perfis de interlocutores: os habitantes do distrito acima mencionado, desde membros das comunidades, líderes religiosos, líderes comunitários, funcionários de serviços conservatórios e activistas de organizações que lutam pelos direitos das mulheres por forma a perceber a complexidade desta prática dentre os diferentes bairros do distrito. Por último, acompanhamos uma cerimónia de *lobolo* no mesmo distrito, facto que possibilitou a observação participante e directa.

4.2. Técnicas usadas na pesquisa de campo

Na realização da presente pesquisa antropológica, usou-se o método etnográfico, seguindo a sugestão de Cardoso de Oliveira (2006: 18), olhar, ouvir e escrever aquilo que acontece no campo de pesquisa. Este autor acrescenta ainda que o pesquisador deve registrar rituais, hábitos e gestos por mais insignificantes que pareçam, na medida em que cada acção do entrevistado diz algo e que poderá influenciar na pesquisa. Neste âmbito privilegiou-se o uso das técnicas de observação directa e participante, registo fotográfico e entrevista semiestruturada. As entrevistas semiestruturadas forma divididas entre entrevistas formais e informais com intervenientes locais, o que permitiu obter informações relevantes, que nos conduziu ao alcance dos objetivos da pesquisa e a resposta a pergunta de partida.

Segundo Marconi e Lakatos (2003) a entrevista é vantajosa na medida em que pode ser utilizada com todos segmentos da população (analfabetos e letrados); permite o entrevistador repetir ou esclarecer perguntas, formular de maneira diferente, especificar algum significado, como garantia de estar sendo compreendido e dá oportunidade para a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos.

As entrevistas semi-estruturadas foram orientadas por um guião de questões e as que eventualmente iam surgir durante a conversa e convivência com os habitantes do distrito de Chongoene/Nhacutse. As entrevistas foram realizadas “cara-a-cara”, esta técnica e procedimento ofereceu informações necessárias para o aprofundamento e desenvolvimento da pesquisa. No decurso da entrevista seguiu as informações e pistas dadas pelos interlocutores da pesquisa no decorrer de entrevistas semi-estruturadas anteriores e das conversas com outros interlocutores. Essa acção permitirá aprofundar e obter informação detalhada.

4.3 Observação participante

Tal como já havia se adiantado acima, a observação participante foi feita através de uma cerimónia de *lobolo* que teria participado naquela localidade, casal este que por intermédio de um processo de negociação aceitou e permitiu que acompanhasse a cerimónia desde a sua preparação até ao dia é que se consumou o *lobolo*. Acompanhou-se o dia-a-dia deste casal e pude acompanhar de perto as incidências e elementos que configuram a prática do *lobolo* na actualidade.

Mas antes em avançar neste ponto, é importante descrever as condições que estiveram por detrás do processo de imersão e que de alguma forma influenciaram na pesquisa e nos resultados aqui trazidos. Esta forma de proceder Magnani (2002) denomina de “olhar etnográfico: de perto e de dentro”. Ao conciliar essas duas técnicas foi possível descrever o modo como os indivíduos percebem e experienciam o *lobolo* actualmente.

A chegada ao Distrito de Chongoene localidade de Nhacutse foi marcada por nervosismo e receio, ao chegar no local de pesquisa hospedei-me em casa do meu irmão mais velho, mesmo o contexto já me sendo familiar por conta das visitas que tenho feito ao meu irmão, ao voltar na qualidade de pesquisadora, passei por um processo de estranhamento, pois mesmo tendo o plano de trabalho de campo, fiquei desorientada pois não sabia por onde começar.

Então, meu irmão usou da sua influência local para marcar encontro com alguns líderes comunitários e pastores locais para a entrevista. Entrevistas essas que foram marcadas para uma sexta-feira da semana de 2 de fevereiro de 2023. Portanto, sendo que tinha três dias antes do dia marcado para as entrevistas, optei numa estratégia mais reservada do que abordagem directa a comunidade. No entanto, decidi fazer o reconhecimento do local, olhando e interpretando as acções, comportamentos, atitudes e a relação por forma a preparar o processo de imersão à aquela comunidade.

No primeiro dia de pesquisa (03/02/2023) constatei um ambiente bastante agitado, marcado por diversos trabalhos domésticos dentre os indivíduos daquela comunidade, na qual o maior destaque era para as mulheres, quanto aos homens não se envolvia muito nos trabalhos domésticos, acordavam e se diria ao trabalho em grupos de cinco. Foi nesta altura que decidi-me juntar ao grupo de mulheres para acarretar a água, foi neste contexto que conheci a Alice de 31 anos, interlocutora esta que eu viria a acompanhar e a participar na sua cerimónia de *lobolo*. No entanto, voluntarie-me para que a ajudasse no processo de organização, e esta prontamente aceitou e disse que iria conversar com o seu pretendente para alertá-lo da minha presença na cerimónia de *lobolo* que viria a decorrer no dia (11/02/2023).

No processo de observação participante apontava as incidências no bloco de notas e fazia a gravação de algumas entrevistas através do telemóvel. No final do dia compunha todas as notas e fazia o relatório do dia em casa. A partir dos dados do diário de campo e dos áudios, nos finais de

semana produzia um relatório de pesquisa de campo contendo reflexões da pesquisa realizada ao longo da semana e elaborava o plano para a semana a seguir.

4.4 Constrangimentos na pesquisa de campo

A experiência de pesquisa de campo foi marcada por desafios, facto esse que nos fez perceber que a negociação é o primeiro estágio na pesquisa, pós permite estabelecer os procedimentos, parâmetros, ética, comprometimento com os prazos e potenciais resultados. Madden (2010), aconselha que o etnógrafo deve ter domínio como: a linguagem, as expressões físicas e faciais socialmente aceitáveis e tolerável, tendo os domínios destes elementos, o etnógrafo pode estar munido de ferramentas que poderão permitir maior interacção e socialização com os grupos ou os sujeitos de pesquisa.

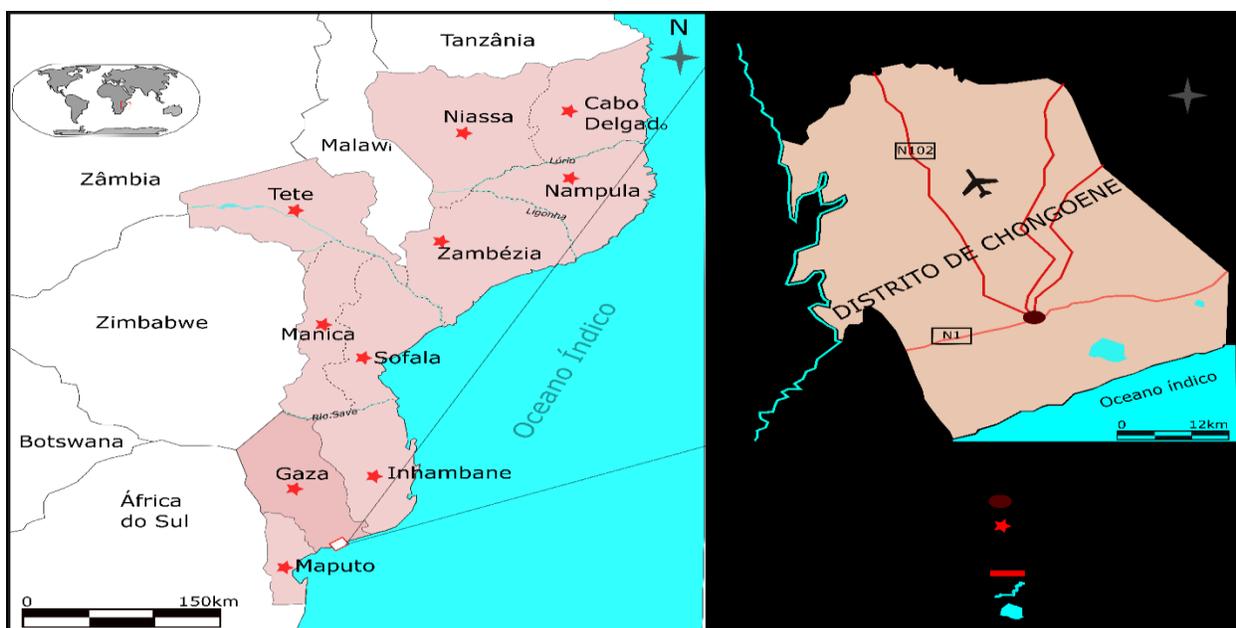
Relativamente ao primeiro constrangimento decorreu no processo de imersão, na medida em que a maioria dos interlocutores que abordava alegavam falta de tempo para tecer declarações e responder as minhas perguntas em relação ao assunto em causa. Outros alegavam não dar informações a estranhos, facto esse que foi ultrapassado quando aperfeiçoei a minha estratégia de negociação e apresentação, mas o factor determinante foi quando disse que era a irmã de um dos residentes daquela localidade.

Quanto ao segundo constrangimento decorreu no acto do processo da cerimónia de *lobolo*, onde os tios do casal proibiram a minha presença na negociação, alegando que era uma fase particular e nem mesmo o noivo ou os pais do noivo participam, facto que eu tive que respeitar e a posterior colhi informações com alguns membros que teriam participado, por forma a relatar-me sobre como acontece nesta fase.

V. Localização geográfica

O distrito de Chongoene está situado no sul da província de Gaza em Moçambique, é limitado a Norte pelo Distrito de Chibuto, a Sul pelo Oceano Índico, a Este pelo Distrito de Mandjacaze e a Oeste pela Cidade de Xai-Xai, a 15 km da capital provincial. Ocupa uma área territorial com cerca de 746 km², sendo composta pelas seguintes localidades: Banhine, Maciene, Nhacutse, Nhamavile e Siaia (MICOA 2012).

Figura 1: Mapa de enquadramento geográfico do distrito de Chongoene - (Por: Varsil Cossa & Stela Gujamo, em 2020).



O Distrito de Chongoene é representado por diversas instâncias turísticas, lugares históricos e lugares paradisíacos.

5.1. O papel e a importância do *lobolo* nas construções sociais

Neste capítulo iremos destacar as crenças sociais sobre o *lobolo* bem como o valor que os actores sociais atribuem a esta prática.

O *lobolo* insere-se no conjunto de práticas sócio-culturais de alguns contextos do sul de Moçambique, e desde sempre foi sofrendo algumas transformações, em função de mudanças a

nível social, económico, político e religioso, porém, como já referiu Granjo (2005) o seu valor simbólico e cultural nunca foi posto em causa.

Apesar das transformações que o *lobolo* vem sofrendo ao longo dos tempos, ele ainda desempenha, dentro das cidades e no meio rural, um papel social de regulador e garante da estabilidade conjugal, familiar e social dos indivíduos em sociedade, assim defende Bagnol (2008) e tantos outros autores, dentro das suas perspectivas de abordagem.

Neste contexto os indivíduos são socializados a pensarem o *lobolo* como uma máquina de organização social e que a sua recusa é a razão de uma série de infortúnios no meio conjugal, que se traduzem em problemas físicos, mentais e espirituais das crianças nascidos dessa relação, que depois se transformam em discussões e troca de acusações entre o casal as famílias

Neste contexto, Mabunda¹ declarou o seguinte relativamente a importância do *lobolo*:

É demonstrar que esse homem é integrante da família o que vai possibilitar que a família da mulher saiba de que descendência ele é. Portanto, esse gesto é fundamental pois faz parte da nossa identidade como negros na medida em que só se considera um genro alguém que fez lobolo. Caso contrário, por mais que o homem tenha filhos não é ainda considerado um genro. Mas com esse gesto de lobolo independentemente de ter filhos com ou não o homem continua a ser uma parte integrante importantíssima na família da mulher.

A sociedade é composta por um conjunto organizado de indivíduos que comunga dos mesmos valores, valores esses que vão sendo repassados ao longo das gerações. Esta coesão faz com que o grupo maior que muitas vezes é “tradicionalista” ou “africanista”, expressão usada por Welch (1982) para fazer alusão aos grupos que por nada abrem mão dos seus valores históricos e sócio-culturais, tenha mais vantagens em relação ao grupo menor que já vem com visões “modernizadas”.

Num outro momento, Novela² contando sobre a história de *lobolo* que experienciou, declarou o seguinte:

A minha sobrinha, andava com um jovem já há 4 anos, conversaram e o namorado decidiu que ela deveria pedir a mãe a lista de lobolo.... Ela foi a casa e apresentou a questão para mãe, mas ela (mãe) já que tinha afinidade pelo rapaz, decidiu que não tinha que se realizar a tradicional

¹ Líder religioso, entrevistado no dia 6/12/2022 em Nhancutse, as 10h.

² Líder comunitário, entrevistado no dia 6/12/2022 em Nhancutse, as 11h.

cerimónia de lobolo no momento e que por uma questão financeira, bastava que ele se apresentasse e desse o anel de noivado que estava tudo bem.

Chegado o dia da cerimónia ele veio com a família nas condições que mãe já tinha dito e isso gerou um grande problema na família. Nós os tios exigimos que se criasse urgentemente certas condições e que eles procurassem dinheiro e os familiares tiveram que contribuir na hora algum valor em dinheiro para a realização da cerimónia...”

O trecho acima demonstra uma imposição da família sobre indivíduo, sendo o *lobolo* uma cerimónia de união entre as famílias e ter esta componente tradicional e reguladora que vai passando de geração em geração em forma de legado cultural, onde o seu abandono significaria uma ruptura com o passado, um desprezo da nossa história, perda de identidade cultural e a sociedade não quer se sentir a trair a sua história e os seus antepassados porque deles ainda depende no presente, como refere Granjo (2005) quando destaca o papel das famílias e dos antepassados, dando mais ênfase aos antepassados ao referir que estes é que comem o *lobolo*, ou seja, o *lobolo* é mesmo para agradar os nossos ancestrais.

Neste capítulo concluímos que o *lobolo* é importante dentro do seu contexto de produção, como já fez menção Granjo (2005) o *lobolo* não tem, e ainda esta por vir um rival a altura capaz de o substituir. Esta prática está incorporada dentro do seu contexto de produção e as tentativas de ruptura com esta instituição resultarão em fracasso, porque esta mesma sociedade, de forma consciente ou inconsciente, acredita que o *lobolo* desempenha múltiplas funções dentre as quais a de garantir a coesão social, a estabilidade conjugal e a harmonia familiar, Bagnol (2008).

5.2. A cerimónia e festa de lobolo

Neste capítulo descreve-se os relatos da experiência que se vivenciou na cerimónia de *lobolo* no processo de recolha de dados, é importante frisar que existiram momentos da cerimónia que a negociação tinha que ser feita num ambiente privado, facto que não foi possível presenciar, apenas ouviu-se relatos dos que estiveram presentes nestes momentos.

Seguindo a lógica de Junod (1996) referiu que a festa do *lobolo* é toda cerimónia relacionada com o pagamento do *lobolo* que se faz na aldeia da noiva. Esse estudo foi desenvolvido a quase uma centena de anos no ceio da comunidade tsonga do sul do Save, onde Junod viveu e vivenciou os factos.

Estas abordagens acima desaguam na ideia de *lobolo* como uma forma de compensação que incide sobre alvos determinados. Em Jeffreyes o *lobolo* incide sobre as crianças e, para Radcliffe-Brown recai na mulher. Para Cipire (1992) *lobolo* é a troca de serviços entre as famílias do noivo e da noiva, e consiste na observância das regras tradicionais sobre o casamento.

Por seu turno Granjo (2005) vem dizer que *lobolo* é uma relação mútua entre duas pessoas e um grupo de parentes. Esta conclusão foi tomada após o acompanhamento de uma cerimónia de *lobolo* num dos bairros periféricos da cidade de Maputo, onde desenvolveu o seu trabalho de campo e por fim colheu as experiências dos participantes.

Relativamente a experiência, a família da noiva tinha que se preparar para receber o grupo de pessoas que iriam levar o *lobolo* e competia a ela preparar a comida para a cerimónia do *lobolo* e que competia aos familiares do noivo trazer a bebida da festa. Mas é importante dizer que a cerimónia da união matrimonial tinha duas partes: a festa do *lobolo*, ou seja, a parte relacionada com o pagamento da compensação matrimonial, que se fazia na aldeia da noiva; e *o kulhoma*, chegada da noiva a aldeia do noivo, eu somente pude acompanhar a primeira parte.

A família do noivo, Macamo, vivem na cidade de Xai-xai. A cerimónia teve lugar em Janeiro de 2023 na casa do pai da noiva em Chongoene/Nhacutse. Para nossa presença no evento, solicitamos antecipadamente à tia da noiva. Quando chegamos, pedimos aos nossos diversos informantes que nos avisassem caso tivessem informação sobre a realização do *lobolo*. Foi assim que chegamos a esta cerimónia.

Quando chegamos a casa da noiva ainda haviam poucas pessoas. Entre os presentes estavam dois idosos, que mais tarde soubemos que eram da Igreja Presbiteriana, a congregação religiosa frequentada pela família há pelo menos duas gerações, alguns tios e algumas tias. A pouca presença de pessoas para este acto intrigou-nos no início, mas associamos o facto ao dia, pois se tratava de uma sexta-feira.

Como tem sido habitual nos últimos tempos em Gaza, às famílias realizam as cerimónias de *lobolo* às sextas-feiras nas vésperas dos casamentos religiosos e civis, que geralmente se realizam aos sábados. Foi o caso do *lobolo* da Eugenia Maibaze.

Antes de início da cerimônia, conversamos com o senhor Joel Maibaze³, um dos tios mais velhos do pai. Ele foi à casa do irmão na noite do dia anterior porque tinha que se juntar aos outros irmãos para fazerem os últimos preparativos das cerimônias que iam ter lugar nos dias seguintes.

Nessa breve conversa quisemos saber o que aconteceria e o que é que se tinha feito antes. Ele nos disse que como manda a tradição, nas primeiras horas da manhã, na alvorada, tinham feito o ritual de *kupalha*, que se trata de uma invocação aos espíritos dos antepassados. É uma cerimônia em que se apela a bênção e proteção dos espíritos dos antepassados. No campo, ela é feita no *ghandzelo*, uma árvore especialmente escolhida como altar da casa.

Segundo Maibaze, nesse ritual informaram aos antepassados que a filha seria *lobolada* e pedida em casamento pela família do Macamo. Este ritual é feito em quase todas as cerimônias familiares. Chegamos a casa dos Maibaze por volta das 11 horas da manhã, mas a cerimônia só teve início por volta das 16 horas. Mais tarde contaram-nos que a demora se deveu aos noivos que ainda não tinham completado as coisas que serviriam para o *lobolo*. No tempo em que estávamos a espera do grupo que viria da casa do noivo para *lobolar*, o noivo ainda estava no mercado tentando completar as oferendas (roupa do pai, roupa da mãe, roupa da avó, bebidas cerimoniais) que os seus familiares levariam para a casa da noiva.

No meio da impaciência e do murmúrio pela demora, eis que chega a delegação dos familiares do Felisberto Macamo para fazer o *lobolo*. Entre eles estava um tio, irmão do pai do noivo, acompanhado pela esposa, um amigo e vizinho da família do noivo e uma prima do noivo. Quando chegaram eram aproximadamente 15:50 minutos.

Um grupo de senhoras foi à porta de casa receber os visitantes entoando, canções que ressaltavam o valor do nascimento e do casamento. O atraso já estava consumado. A delegação da família do noivo entrou dentro de casa e foi dirigida para sala. Os homens sentaram-se nas cadeiras e as mulheres nas esteiras, junto às malas. Seguidamente, as famílias se reuniram, mas antes houve um momento para *dzungulisar dzanva*, uma forma tradicional de cumprimentar em que se relata a situação geral da família no atinente a saúde, doença e outros aspetos considerados importantes. No Sul de Moçambique, entre os *tsongas* é uma forma tradicional de saudar as pessoas, sejam elas familiares diretos ou não.

³ Entrevistado 9/12/2022 as 13h.

A delegação dos Macamo foi apresentada pelo tio do noivo. Pela parte dos anfitriões, coube ao Maibaze mais velho da família a apresentação dos restantes membros da sua família. Sem demoras, o grupo do noivado foi retirando da malinha e das pastas o conteúdo que trazia para o *lobolo*. Fora já estavam as caixas de cerveja e de refrigerantes e as duas garrafas de vinho, tinto e branco.

O tio do noivo, entregou à lista ao Maibaze para que se fizesse o acompanhamento e conferência dos artigos. Ajoelhada na esteira, a prima do noivo começou a colocar cada artigo encima das esteiras previamente estendidas no meio da sala. À volta estavam os assistentes serenos e atentos a cada pormenor do que ali se passava.

Da esquerda para a direita foi pondo os seguintes artigos: roupa para o pai, composta por um fato, uma camisa, uma gravata, um par de calças, um par de sapatos, um par de meias, um cinto e uma bengala. Ao lado, foi colocando a roupa da mãe composta por uma blusa, um casaquinho, uma saia, um par de sapatos, um par de meias de rede, brincos, lenços e 5 capulanas.

Depois foram colocadas as oferendas para a avó materna da noiva composta por uma blusa, duas capulanas e um frasquinho de rapé. Seguiram-se os artigos para o avô paterno, compostas por camisa, garrafa de vinho branco e um frasquinho de rapé.

Por cima das roupas foram colocados 3700 Meticais de *lobolo* e mais algum montante em moedas para outras despesas inerentes a cerimônia. No fim, a prima do noivo tirou da mala a roupa da noiva composta por um casaquinho, uma saia, um par meias compridas, um par de sapatos, um fio de ouro, roupa interior, brincos de ouro e anel de ouro.

Os dois mestres de cerimônia fizeram a conferência dos artigos em função da lista previamente elaborada e enviada pela família Maibaze. Esta lista é elaborada pela família da noiva no período em que se começam a construir os passos para o *lobolo*. É enviada a casa do noivo com muita antecedência a fim de permitir que ele se prepare e reúna os artigos nela contidos. Conclui-se que estava tudo completo. As senhoras entoaram mais canções enquanto a noiva, que não a vimos durante o tempo em que esperávamos os Macamo, se prepara para se dirigir a sala onde se iria realizar a cerimônia.

Quando chegou, ajoelhou-se em frente ao tio que a perguntou: “Conheces estas pessoas que nos vieram visitar?” E ela respondeu: “sim, as conheço”. O tio voltou a perguntar; “Podemos recebê-las?” E ela respondeu: “Sim, podem recebê-las”.

Perguntaram-na se podiam receber as coisas e ela respondeu positivamente dando assim a anuência ao acto. É ela que deve aceitar receber a visita, porque apesar de ter havido conversações preliminares entre as duas famílias, é ela que lida com eles há mais tempo na companhia do seu noivo. Naquele momento “só ela os conhecia”. Desta forma, o acordo entre as duas famílias estava selado.

Seguiu-se um discurso do tio da noiva no qual além de explicar as causas daquela cerimônia falou da importância do casamento na vida dos jovens. Religioso acérrimo foi misturando o seu discurso com passagens bíblicas para enaltecer a importância da cerimônia. A fase que se seguiria era a mais espetacular do evento. Muitas pessoas que se encontravam do lado de fora da sala onde decorria a reunião, inclusive àquelas senhoras que até àquela hora se ocupavam pelos assuntos da cozinha, se aproximaram para assistir a entrega dos artigos.

Na presença de todos, a noiva pegou numa nota de 100 meticais, ajoelhou-se a frente dos pais e entregou-a a mãe. O tio, irmão da mãe retirou uma nota, cumprindo os preceitos tradicionais da cerimônia.

Seguiu-se a fase de trocar de roupa. A noiva saiu com a prima do noivo, mas antes os visitantes pagaram 10 meticais. A tia tirou 20 meticais e saiu com a mãe da noiva e o vizinho da família Macamo tirou outros 20 meticais e saiu com o senhor Maibaze, neste caso, o pai da noiva. O dinheiro acima somava 50 meticais e serviu para pagar a deslocação da noiva e dos pais para a troca de roupa.

A mãe da noiva regressou com o novo traje e amararam-na uma garrafa de vinho nas costas, como se estivesse para transportar um bebé. A garrafa representa a sua filha, noiva que era *loboloda*. Depois amarraram outra capulana por cima para “protegerem a bebe” das intempéries do ambiente. Minutos depois voltou o pai da noiva com o novo terno exibindo a sua bengala.

Seguiram-se os cantos e conversas entre as pessoas que assistiam a cerimônia. Toda a gente cantava e sorria contente, batendo palmas. As duas famílias se felicitaram longamente. Os pais mereceram atenção especial dos presentes e foram felicitados com abraços e beijinhos de muitas pessoas que testemunhavam o *lobolo* da sua filha.

Esta é uma das passagens mais interessantes da cerimônia na minha perspectiva. As pessoas dançam, cantam, lançam piadas, dramatizam o nascimento, simulam choros de bebe, simulam mulheres com dores de parto, enfim, reconstituem-se cenas alegóricas ao dia-a-dia de uma mãe.

A noiva só voltou a surgir, quando, bastante tempo depois, as celebrações se acalmaram e as pessoas se voltaram a sentar. Veio com sua roupa acompanhada por uma amiga que a servia de corteja. A prima do noivo beijou-a e deu-lhe boas vindas a família Macamo. Colocou-lhe calmamente os brincos, o anel e o fio.

A tia da noiva recebeu a capulana, a blusa e o frasco de rapé em representação da avó paterna. Foi felicitada e abraçou a sobrinha. O tio recebeu os trajes e o outro frasco de rapé em representação do avô materno.

Seguiu um longo período de conversas e canções e fotografias enquanto se esperava da refeição que seria tomada em conjunto. As panelas foram aparecendo na sala, juntamente com os talheres. Houve uma pequena interrupção para se rezar e abençoar a refeição e depois as pessoas foram autorizadas a se servir.

Depois da refeição a delegação dos Macamo se despediu e partiu. Era necessário recuperar o tempo perdido, pois o dia seguinte seria para o casamento civil e religioso.

5.3. Percepções sobre as transformações atinentes à prática do *Lobolo*

Neste quinto capítulo analisa-se e descreve-se as diversas percepções colhidas junto aos entrevistados sobre as transformações que a prática e a cerimônia do *lobolo* sofreu nos últimos anos e como que o *lobolo* é entendido nos dias que correm. No mesmo capítulo, além das narrativas analisa-se também a interface desta prática face as percepções religiosas.

Tal como havia se enunciado outrora, o presente estudo mostra que, com o tempo, houve mudanças nas formas de compensação matrimonial praticada no sul de Moçambique. Estas mudanças estão relacionadas com o aumento e as formas dos valores materiais que ao longo do tempo foram sendo introduzidas na prática deste fenômeno social. No entanto, estas mudanças, não parecem ter alterado o estatuto e o valor do *lobolo*.

Segundo as nossas pesquisas, as mudanças do *lobolo* ocorreram por diversos factores, desde o impacto do colonialismo e as guerras (as dispersões demográficas, o êxodo rural e urbano, as

imposições legislativas etc.), as negociações intrafamiliares, o desenvolvimento que a modernidade trouxe e até o capitalismo tem impacto para essa prática. Mas quero reiterar que o nosso objectivo não é fazer uma exploração profunda dos factores que desencadearam essas mudanças, mas sim, olhar as percepções que os indivíduos constroem com base nas suas vivências e relações desta prática.

Bila⁴, um dos nossos entrevistados, olha a irresponsabilidade da juventude em relação ao valor simbólico do *lobolo* como um factor que desencadeou a transformação:

“Hoje em dia os jovens chegam na sua casa e pede a lista de lobolo e esta lista ele só leva e descarta. Enquanto nos nossos tempos quando a mulher fosse ao lar e surgisse alguns problemas de saúde, de nascer filho ou outros o marido vinha para casa da mulher e explicava a situação e a família da mulher dizia que eles não podiam phahlar (invocar aos espíritos) porque não conheciam ele, você apenas veio roubar nossa filha é por isso que os espíritos estão à procura dela. Então era daí que o homem começava a se movimentar para procurar meios para poder chegar a casa da mulher para ter acesso a esse ritual de phahlar no caso de problemas.”

Num outro momento, encontramos a percepção sobre as mudanças socioeconómicas do *lobolo*, e o nosso entrevistado declarou o seguinte:

Houve uma grande mudança, mudança essa ligada aos custos do lobolo porque antigamente lobolo às vezes exigiam 100mt, 200mt ou outra coisa que não fosse de um custo elevado, mas actualmente existe lobolos de 50.000mt que até exigem festa na conta de lobolante. Em detrimento do lobolo antigo que era tido como aceitação das famílias e hoje em dia o lobolo tende a ser kuessemusse (festas).

Novela⁵ declarou que actualmente existe um liberalismo e tolerância nociva por parte dos pais no estímulo a prática do *lobolo*:

O que estragou o lobolo dos dias actuais é a forma como os pais lidam com os filhos, antigamente nós eramos obrigados a respeitar a moça e fazer o lobolo, enquanto agora, os pais toleram namoriscos e muitas das vezes os rapazes só brincam com a filha e depois não assumem a responsabilidade e assistimos desgraças nas famílias, é isso que está a tirar o valor do lobolo, devemos conscientizar os jovens a importância desta prática para as suas vidas.

⁴ Residente De Nhancutse, entrevistado no dia 9/12/2022, pelas 10h.

⁵ ⁵ Líder religioso, entrevistado no dia 8/12/2022 em Nhancutse, as 11h.

E continuou dizendo o seguinte:

Esse gesto de lobolo é fundamental pois faz parte da nossa identidade como moçambicanos na medida em que só se considera um genro alguém que fez lobolo. Caso contrário, por mais que o homem tenha filhos não é ainda considerado um genro. Mas com esse gesto de lobolo independentemente de ter filhos com ela ou não o homem continua a ser uma parte integrante importantíssima na família da mulher.

Bila olha os factores de compensação como transformações na atualidade:

Antigamente, entenda-se tradicionalmente, o lobolo era feito através de gado bovino por ser um bem simbólico e de prestígio. O número de cabeça envolvida na “transação” dependia das “negociações” entre as duas famílias. Atualmente aceitam-se valores monetários, sujeitos também a “negociação” consoante as possibilidades económicas da família do futuro marido e do nível de formação académica e profissional da rapariga. Não vou negar que tem havido oportunismo em certas famílias, mas o lobolo tem a função de promover união das famílias, os espíritos e consequente bem-estar no lar dos noivos, quanto a esse oportunismo vejo como casual e sem importância quando o princípio se realiza.

No outro momento em conversa com um dos líderes religiosos da igreja presbiteriana pastor Joel, declarou o seguinte:

Nós nunca fomos contra a prática do lobolo, sabemos e reconhecemos esse lado espiritual do lobolo, mas o que aconselhamos é que os nossos crentes e irmãos tenham atenção e saibam como lidar com essa espiritualidade, não se esquecendo que existe uma força maior na qual todos somos chamados a servir que é o nosso deus todo-poderoso. Antigamente as pessoas colocavam os antepassados acima de Deus, o que era muito errado, mas agora isso tendem a mudar.

Falando sobre o impacto do lobolo nas relações continuou o seguinte:

A nossa presença nesta cerimónia de lobolo já diz tudo, estamos aqui para fazermos a nossa parte, a nossa igreja nunca estaria contra aquilo que agrega mais valor para as relações sociais, é a mensagem que temos passado tanto para os nossos fiéis assim como para outras congregações religiosas “se o lobolo faz bem e traz coesão para a sociedade, então porque ficar contra?”

Na generalidade, vimos que a percepção de mudança está diretamente ligada a um sentimento de alteração das instituições sociais. Uma instituição social é a norma de comportamento estabelecido que é reconhecido por um certo grupo ou classe social ao qual pertence (Radcliffe-Brown 1973:22).

Durante as conversas com os nossos entrevistados, pudemos perceber que os ritos tiveram uma grande importância na sociedade tradicional tsonga, pois determinavam os valores morais e culturais de muitas gerações. Na percepção dos actores locais, a transformação social e a supressão drástica destes ritos, iniciada com a colonização até os nossos dias, levaram a nova geração a perder a sua referência moral, sociocultural e religiosa. Neste contexto, Mussane (2009) afirma que O *lobolo* instituía um conjunto complexo de normas, de práticas e de padrões do comportamento entre parentes. Estabelecia a relação social e a relação moral que deviam existir entre as pessoas e as normas de comportamento que se refletiam em toda a comunidade. É a alteração nas relações morais e no comportamento a ele relacionados que é entendido como parte das causas de mudança social nesta comunidade.

Com tudo, as percepções acima demonstram que desde sempre o *lobolo* foi sofrendo algumas transformações, em função de mudanças a nível social, económico, político e religioso, porém, como já referiu Granjo (2005) o seu valor simbólico e cultural nunca foi posto em causa. Pode-se concluir que seja qual for o valor que a “transação” do *lobolo* represente, do ponto de vista antropológico deve-se reconhecer que a sua maior peculiaridade está no seu valor simbólico como fenómeno cultural.

VI. Conclusão

Esta pesquisa consistiu na tentativa de olhar para o *lobolo* enquanto um factor de transformação e mudança nas vivências sociais, esta pesquisa teve um especial enfoque especial em analisar percepções e significados atribuídos à prática do *lobolo* no contexto actual no distrito de Chongoene/Nhacutse na província de Gaza.

Para este estudo, olhamos o *lobolo*, como fenómeno social total, para analisar e interpretar as mudanças na sociedade Changana, como diz Mauss (1974): o fato social total deve ser apreendido de uma experiência concreta; numa sociedade localizada no tempo e no espaço. Tivemos o auxílio da perspectiva de Granjo (2005) na qual olha o *lobolo* como uma prática essencialmente que estabelece uma relação entre o casal, as famílias e os antepassados.

Tomando em conta os diversos momentos pelos quais este passou, e às diversas explicações e significados a ele atribuídos, procuramos compreender de que forma as percepções e representações sociais podem explicar a perpetuação do *lobolo* no contexto de mudanças e transformações sociais, tendo em conta que as acções das pessoas têm sido orientadas pelas percepções que se têm sobre um determinado fenómeno.

Para alcançar os objectivos e responder a pergunta de partida, recorri à revisão de literatura e a recolha de dados em Chongoene/Nhacutse na província de Gaza, com recurso às técnicas de observação participante intensiva, estudo de caso, entrevistas semi-estruturadas, conversas formais e informais,

O estudo mostrou-nos que o peso da mudança é mais simbólico, ou seja, cultural do que material, pois a troca das enxadas pelo gado e deste pelas libras esterlinas ou pelo Metical foi sempre equivalente. Não é ao nível de objetos físicos que esta instituição mudou, mas ao nível do seu significado. E esta mudança vem se refletindo na sociedade, sobretudo no período posterior a independência, período que como mostramos no Capítulo 2, o peso da tradição foi preterido.

Na nossa pesquisa empírica, observamos ainda que o papel outrora desempenhado pelos anciãos da família passou a ser desempenhado pelos anciãos da igreja. Na família os anciãos eram vistos como depositários da tradição, as “bibliotecas” da família, são eles que quando morrem se “transformam” em deuses da família e sempre foram fonte de referência para a educação das novas gerações.

Face a literatura consultada e a realidade constatada, relativamente a continua perpetuação do *lobolo* na actualidade independentemente dos vários factores que concorrem e concorrerão para o seu abandono, como afirma Granjo (2005) o *lobolo* está acima de todas as formas de instituição matrimonial e por mais que se passem os tempos, mudam-se os hábitos o *lobolo* estará lá, indestrutivo, desempenhando o seu papel. O *lobolo* vai para além das adaptações culturais e das considerações financeiras, ele se reproduz por si, é como se fosse a essência de si mesmo, através de uma base inconsciente.

Referências bibliográficas

Bagnol, B. 2008. Lovolo e espíritos no Sul de Moçambique, *in* *Análise Social* V.XLIII (2º), Lisboa: Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Pp 251 – 275.

Brown, R. Sd. Estruturas e função nas sociedades primitivas. Lisboa: edição 70.

_____ 1973: Os parentescos por brincadeira” [1940] I: In: *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Vozes. Petrópolis, 1973.

_____ 1974. “Introdução”. In: Radcliffe-Brown, A.R & Ford, D, *Sistemas Políticos Africanos de Parentesco e Casamento*. Lisboa: Gulbekian.

_____ 1982. *Sistemas políticos africanos de parentesco e casamento*. Lisboa: Calouste Gulbenkian.

Cardoso de Oliveira, R. 2006. “ O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”, *in* *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP. pp 17-35.

Cipire, F. 1996. *A Educação Tradicional em Moçambique*. (2ª edição). Maputo: Publicações EMEDIL.

Da Costa, A. 2005. “*Há-de vir um senhor que é meu marido: relações de gênero na periferia de Maputo*”, Maputo: Lisboa.

Feliciano, J. 1989. *O Sistema de Parentesco Changana: Prova complementar de tese de doutoramento em Antropologia pela Universidade Técnica de Lisboa*, Lisboa.

Grango, P. 2005. *Lobolo em Maputo: Um velho idioma para as novas vivências conjugais*, Porto: Campo das Letras – Editores, S.A.

Junod, A. 1996. *Usos e costumes dos bantu-1*, Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique.

Jeffreys, M. 1951. *Lobolo é o preço da criança*, (SI): African.

Palha, F. 2006. *O lobolo e suas implicações para a actual sociedade do sul de Moçambique*. Textos do WLSA e seu olhar para as questões referentes a mulher moçambicana.

Pires, C. 2000. “Família, parentesco e casamento. Assimetrias e temporais”. *Administração*. 48 (2), 617-639.

- Revière, C. 1995. *Introdução à Antropologia*. Lisboa: Edições 70.
- Mussane, G. 2009. *A kuna n'kinga: o lobolo como foco das representações locais de mudança social*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Mate, C. 2014. “Percepções e representações do lobolo entre os jovens da IURD: Estudo de caso Bairro de Magoanine C”. [monografia de licenciatura]. Maputo: UEM.
- Marconi, M e Lakato E 2003. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5a ed. São Paulo: Atlas.
- Magnani, J. 2002. “De perto e de dentro: Notas para uma etnografia”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 49 (17): 11-29.
- Madden, R. 2010. “Being Ethnographic”. *Being Ethnographic: a Guide to the Theory and Practice of Ethnography*. Sage, Los Angeles, pp. 57-112.
- MICOA. 2012. Perfil ambiental e mapeamento do uso actual da terra nos distritos da zona costeira de Moçambique.
- Welch, G. 1982. O lobolo: Por uma estratégia adequada. Tese de licenciatura, Faculdade de direito, Maputo:UEM.
- Mauss, M. 1974: Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão das trocas nas sociedades primitivas, In: *Sociologia e Antropologia*, São Paulo.
- Santana, S. 2009. “Mulheres de Moçambique na revista Tempo: o debate sobre lobolo (casamento)”. *Revista de História*, 1 (2), 82-98.
- Moscovici, S. 1978. A representação social da psicanálise. Tradução Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- Torre do Vale, D. 2002. *Tradições, sexo e casamentos*.
- Gomes, S. 1995. “Educação para a Família: uma proposta de trabalho preventivo”. *Revista Brasileira de Crescimento e desenvolvimento Humano*. 9, (1) 34-129.
- Taibo, R. 2012. Lobolo (s) no Moçambique Contemporâneo: mudança social, espíritos e experiências de união conjugal na cidade de Maputo. Dissertação (mestrado em Antropologia social) universidade federal do Paraná.